



Tema:
**"OS DESAFIOS DA INTERNACIONALIZAÇÃO
NA UNIMEP"**



11º UNICULT - VII Concurso de Contos e Crônicas

A MORTE DE QUINCAS BORBA

Autor(es)

CAMILO IRINEU QUARTAROLLO

Contos / Cricas

Pseudônimo: Fernando Sabino

Título: A morte de Quincas Borba

Estava eu longe, vendo campinas e altos cumes de neve em viagem, quando soube da morte do Quincas. Não pude voltar. Li a notinha de jornal, num canto onde escrevia crônicas casuais, bem provincianas. Morte súbita! Atropelado numa rua secundária de quarenta quilômetros horários e transeuntes lerdos. Meu Deus! Não esperava isso, talvez até um suicídio, mas atropelamento! (Anticlímax a um filósofo morrer no meio de um sofisma, ao meio-fio)

Confirmava-se a ausência de um rosto que teria de mandar para o mundo dos mortos: Quincas Borba. Sem família e, a bem da verdade, não o visitava há um bom tempo. Tinha uma vida solitária, amigos estranhos e uma concepção religiosa, o humanismo – uma crença na reencarnação das pessoas em árvores e, Deus me livre, até em cachorro.

Cheguei a sua casa numa sexta-feira cinzenta. À calçada o jardim deflorado e aberto com impressão de descaso, folhas amarelas, marrom-aborrecidas, varridas de passagem por algum vento ríspido. Entrei sem conhecer a vizinhança e a mesma, sem estranhar-me, deu passagem até a porta encostada da vez em que o morto por ela passara. Saíra Quincas, entrei eu. Triste, arrastei-me para pensar numa poltrona empoeirada, assuntos nossos, coisas que o leitor não vai querer saber....filosofia, religião e coisas que se nasce sabendo, mas nós... eu e o Quincas, questionávamos.

Advogado diligente, devia guardar um testamento em alguma parte da casa. Procurei e por fim sentei-me de novo na poltrona que já a sentia minha. Pensei sozinho naquela presença evasiva. Rodava nos dedos o papel sem valor, digitalizado pelo próprio Quincas em teclado falho, relapso consigo mesmo.

Alguém me espiava doutra sala. Mais real que minha ficção por ideias. Ora, Quincas tinha um cachorro, arranjado nos últimos tempos de solidão. Manso era, via-se nos olhos, nas orelhas caídas. Disse-lhe:

- Seu dono estava errado, rapaz. Cachorro fiel não sai de cima do túmulo do dono.

Amou e foi-se deitar num canto, o de sempre, presumi. Ia-me embora, não sem antes levar o testamento de Quincas Borba Júnior, onde constava que deixaria todos os seus bens a mim, Rubião, desde que cuidasse daquele cão amuado pelo dono. Tínhamos de fazer amizade, voltei à poltrona e o chamei com um estalinho de dedos. Olhou com sobrolhos tortos e depois sentia o sol pela fresta e a um chamado meu veio. Pus a falar com ele, ridiculamente.

Nada. Somente olhava. Os olhos penetrantes, estranhamente como os de Quincas. Acertei os óculos no meu nariz, vamos ver – sussurrei. Doravante tinha de falar com aquele animal e herdar os bens de um solteiro inveterado. Na coleira seu nome: Quincas Borba!